

	<b>Processo: 23118.001757/2011-60</b>
	<i>Parecer 1125/CP6</i>
<b>Assunto: Outorga de Título de Doutor Honoris Causa ao Sr. Almir Narayamoga Suruí.</b>	
<b>Interessado: José Januário de Oliveira Amaral</b>	
<b>Relator: Conselheiro Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes</b>	

### RESPEITO A MÃE TERRA

O planeta está ameaçado, devido à falta de respeito à floresta e aos seres vivos que nela vivem.

Esta ameaça é real; basta ver que estão poluindo os rios, derrubando as matas e transformando tudo em pasto, esquecendo que a floresta tem grande valor.

A preocupação da tribo Gamebey do Povo Suruí de Rondônia com a preservação e a conservação da biodiversidade é porque tem a sabedoria de que são parte da floresta e que cada componente da mata tem importância nas suas vidas.

Os pássaros que com seu canto trazem mensagens do bem ou do mau. Os animais que nos alertam sobre os perigos e tornam nossas vidas mais saudáveis e em harmonia com a natureza.

O som das águas dos rios que nos informam sobre as enchentes e a vida dos peixes, nos avisando quando é tempo de bastante alimento e de quando irá faltar.

A lua e as estrelas que nos ensinam o caminho a seguir e nos avisam sobre o que pode acontecer em nossas aldeias, nos prevenindo contra qualquer mal que venha a ocorrer.

O sol que em suas cores nos mostra quando os homens estão destruindo e queimando a floresta, alertando o perigo para os animais e os seres humanos, que ao virem o vermelho que para muitos parece belo, na verdade é um aviso de que a mata e os bichos estão sendo mortos.

O céu que em sua multidão de cores, às vezes azuis claro ou escuro, outras um arco íris nos dizendo quando haverá tempestade ou bom tempo.

Os espíritos da floresta cuidam dos animais e de toda a terra, e estão tristes com a destruição e a falta de respeito à Mãe Terra.

Diante de tudo isto, voltamos a afirmar que, para a Tribo Gamebey do povo Paiter Suruí, a floresta é valiosa e faz parte deles.

Ninguém pode transformar a mata em pasto e o céu em cinza!

A floresta e a biodiversidade nos alimentam com seus frutos e animais, que são utilizados apenas para nossa sobrevivência, de modo sustentável.

A floresta é a luz da vida para a humanidade, e os Paiter respeitam a vida.

Estamos vendo que esta luz está ameaçada pela ganância dos homens, que não pensam nas gerações futuras.

Alertamos que, assim como os Paiter precisam da floresta para continuar vivendo como povo, toda a humanidade também precisa, e se não houver uma mudança na forma como a floresta vem sendo explorada e destruída, todo o planeta corre o risco de desaparecer.

Exigimos respeito à nossa terra, aprendemos com os antigos no dia-a-dia a valorizar a cultura Paiter Suruí e nossa mãe Terra, que nos dá tudo, a medicina, o respeito à história de nossas conquistas e principalmente nos dá a vida.

Almir Narayamoga Surui

## DO RELATÓRIO:

Trata o presente processo da outorga de título de Doutor Honoris Causa ao Sr. ALMIR NARAYAMOGA SURUI, líder indígena nascido em Rondônia. Constan do processo: Indicativo do Gabinete da Reitoria para concessão do título em tela; Elenco de Prêmios nacionais e internacionais; documentação em revistas, sites, diplomas e certificados.

## DA ANÁLISE:

O indicativo para outorga do título de Doutor *Honoris Causa* ao Sr. ALMIR NARAYAMOGA SURUI, ratifica o compromisso firmado pela Universidade Federal de Rondônia com os povos indígenas da Amazônia, materializado com a criação do primeiro curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, composto por estudantes indígenas. A homenagem proposta ao Sr. Almir Suruí constitui o reconhecimento acadêmico de sua luta pelos direitos humanos, particularmente, pelos direitos dos povos indígenas da Amazônia e do Brasil, pela coragem de denunciar a exploração ilegal de madeiras em terras indígenas e pela luta contra os grandes empreendimentos na Amazônia responsáveis, em grande parte, pela exclusão dos povos da floresta. Sua luta tem sido reconhecida no estado de Rondônia, no Brasil e, principalmente, no exterior onde tem proferido inúmeras palestras. Dentre tantas homenagens que recebeu no Brasil e no Mundo, foi reconhecido pela Revista Fast Company, como uma das 100 pessoas mais criativas do mundo.

Para tanto, vejamos um breve relato da biografia de nosso homenageado:

O povo indígena Suruí se autodenomina *Paiter*, cuja tradução feita pelos indígenas e constantes dos estudos etnográficos é “gente de verdade”.

O povo Paiter habita a Terra Indígena Sete de Setembro e possui uma organização baseada em clãs, atualmente contando com 04 clãs diferentes, que são à base do sistema de governança, da organização política e do sistema de parentesco e matrimônio desse povo indígena. Os clãs são *Gameb* (marimbondos pretos), *Gamir* (marimbondos amarelos), *Makor* (taboca, uma espécie de bambu amazônico) e *Kaban* (mirindiba, uma fruta regional).

Nascido na aldeia Lapetanha na Terra Indígena Sete de Setembro em 1974, filho do Labiway (líder) Marimop e Weytã Surui, cinco anos depois do contato do povo Paiter Surui com os não indígenas que migraram para Rondônia na década de 70 e que causaram inúmeros impactos da terra e na cultura Paiter, Almir se destacava, com sua vivacidade, inteligência e interesse por tudo que cercava seu mundo entre a vida da floresta e as incursões à cidade de Cacoal, que ia crescendo rapidamente.



2

Almir, pertencente ao clã Gameb, considerados como os guerreiros. Desde cedo percebia o descompasso entre a ingenuidade de seu povo e os interesses do mundo instalado no entorno de sua terra. Diante disto decidiu que aprenderia os códigos dos “brancos” e lutaria pela defesa de seu povo, integridade de seu território e proteção da natureza.

Sua tenacidade, inteligência, sensibilidade e amor, são qualidades excepcionais que conseguiram levar seu povo, dividido em 4 linhagens clônicas diferentes e desunidas por desdobramentos negativos determinados por 41 anos de convívio com os ideais de uma sociedade capitalista e corrupta, a refletir e a alcançar uma unidade de pensamento cujos ideais se voltam para o verdadeiro bem estar social, igualitário, justo, de amor, responsabilidade e respeito pela natureza e por sua cultura ancestral.

Aos 15 anos falando e entendendo pouco a idioma português, aceita o convite da Universidade Católica de Goiás para estudo no Curso de Biologia Aplicada, onde aprende como conviver com outra cultura e como esta poderia aproveitar dos conhecimentos adquiridos para promover o desenvolvimento sustentável da Terra Indígenas Sete de Setembro e garantir o bem estar para os Paiter.

Ao retornar de Goiás, vai atuar junto com outras lideranças Paiter Surui na Associação Metareilá do Povo Indígena Surui, e passa a investir em ações que defendam o meio ambiente e a cultura indígena, além de colaborar na criação de várias associações indígenas no Estado de Rondônia.

Em 1998, decide que é necessário fazer o estudo da potencialidade de seu território e começa a procurar parcerias, tanto nacional quanto internacional. No ano de 1999 em contato com o Ministério do Meio Ambiente – Secretaria de Coordenação da Amazônia consegue fazê-los entender a necessidade da realização do Diagnóstico Agroambiental da Terra Indígena sete de Setembro e do desenvolvimento de Programa Paiterey.

Com o sonho de juntar o conhecimento indígena com o científico, busca parceiros para que possam executar o Diagnóstico e o Programa, assim, convidar a Kanindé – Associação de Defesa Etnoambiental para realizar junto com a Metareilá com o apoio da Fundação Nacional do Índio – FUNAI e Ministério do Meio Ambiente – MMA desenvolver pesquisas de cultura, socioeconomia, meio físico, levantamentos biológicos, bem como a elaboração do Plano de Gestão de 50 anos da Terra Indígena.

Concluídos os estudos em 2000, convida a ACT Brasil, Kanindé e Metareilá para fazerem o mapeamento cultural de sua terra, e desta forma fortalecer os laços culturais entre o seu povo.

Em 2005, contrariado com a comercialização ilegal de madeira no território de seu povo, problema crônico e de difícil solução, conseguiu iniciar a implantação de um projeto de reflorestamento, com a proposta de recuperar pastos, capoeiras e enriquecer a floresta, adensando-a com espécies florestais retiradas pelos invasores e madeireiros. A partir daí intensificou a sua luta contra os destruidores da floresta, fez denúncias e cobrou do Governo, a proteção da Terra Indígena Sete de Setembro e demais terras pressionadas pela retirada de suas madeiras. Ao ser entrevistado pela revista internacional Smithsonian em 2006, suas idéias e sua luta extrapolaram muito além dos limites do nosso país.

As ameaças se intensificam, e ele que havia recusado o convite para ir dirigir o departamento Etnoambiental da COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira resolve aceitar o convite e muda para Manaus, ficando quase um ano longe da família, porém passa a levar suas idéias de desenvolver uma política pública de desenvolvimento sustentável para as regiões que envolveriam um complexo de terras indígenas em Mato Grosso, Rondônia e Amazonas, regiões que ele passa a denominar de corredores Etnoambientais Tupi Mondé e Tupi Kwaguahiva. Termo este que passou a ser assumido por várias outras organizações em seus planejamentos e projetos que vem sendo executados.

Em 2007 é eleito conselheiro do CNPI – Conselho Nacional de Política Indigenista, colegiado que define a política indigenista do Brasil, e coloca no CNPI a importância de se discutir o

modelo de Gestão de Territórios Indígenas, o que hoje, vem sendo discutido dentro do PNGATI – Programa Nacional de Gestão Ambiental de Terras Indígenas.

No decorrer dos anos Almir vai agregando à sua luta toda a comunidade Suruí, suas lideranças e as outras associações clônicas de seu povo, juntamente com importantes parceiros nacionais, como a Kanindé, IDESAM, ACT Brasil, IEB e FUNBIO; e internacionais como o Google, Forest Trends, Associação Aquaverde e Grupo Katoomba. Esteve na Suíça à convite da ONG Aquaverde e viajou por vários países da Europa, onde participou de uma série de Conferências sobre a situação de pressão e ameaça em que vive a floresta amazônica e em especial as terras indígenas.

A convite do príncipe Charles visitou a Inglaterra, onde participou com um depoimento no seu livro “Harmony”, entre personalidades importantes no cenário mundial, sobre a proteção da natureza.

Finalmente após muitas participações em conferências, conselhos, reuniões nacionais e internacionais, Almir Suruí brilha na reunião da COP 15 em Copenhagen, ao apresentar o Projeto de Carbono Suruí, que ganha o Prêmio Maia Lin, e durante sua conferência trata de forma séria e comprometida a questão do equilíbrio climático.

Participativo por excelência, e visando a utilização racional do uso dos recursos naturais da Terra Indígena Sete de Setembro o projeto prevê um planejamento para um universo temporal de 50 anos, cessando toda e qualquer atividade ilegal ou que venham a trazer impacto ambiental, ao mesmo tempo gerando divisas econômicas para os Suruí e para Cacoal.

Nesta mesma ocasião, abre a possibilidade para os povos indígenas de todo mundo negociarem projetos no contexto do mecanismo REDD (Redução das emissões por desmatamento e degradação) que vão permitir a todos estes povos, a gestão sustentável de suas terras no que concerne a sua economia, cultura e natureza. E ao lado de personalidades como Al Gore, Jane Goodal e outras não menos importantes adverte e dá o recado dos riscos que o mero desejo de obter lucros fácil sem respeitar os direitos humanos e a natureza representa para o futuro do planeta, marcando certamente a projeção do Brasil no cenário mundial de proteção da biodiversidade e integridade do planeta em que vivemos.

Realiza várias conferências em diversos países entre estas citamos as mais importantes:

- a) O Jardim Botânico de Genebra, Suíça em 2007 planta uma muda de açaí para homenagear Almir Suruí, com a presença de várias autoridades Europeias, entre elas a presidente da União Européia;
- b) Palestra proferida durante a abertura da exposição Amazônia Brasil em Nova York –USA, em 22 de abril de 2008;
- c) Em 2007 devido a atuação de Almir Suruí e as palestras realizadas na Europa, o Paléo de Nyon dedica a temática do Festival a Amazônia, tendo toda uma área dedicada ao povo Paiter Suruí e com palestras diárias sobre desmatamento na Amazonia e apresentação de teatro dos Suruí. Foram levados pelos organizadores do Paléo 16 indígenas Suruí para participarem do evento;
- d) Palestras no Paléo de Nyon – Suíça em 2007 e 2008;
- e) Conferência do Clima, em Bali, Indonésia em 2007, onde entregou o documento do GTA- Grupo de Trabalho Amazônico, denunciando a situação do desmatamento na Amazônia e o descaso do Governo Brasileiro;
- f) Conferencia Internacional em Berlim sobre Clima y transformación em La Amazonía, promovida pela Fundação Heinrich-Boll em março de 2008;
- g) Global Green, em 04 de maio de 2008 em São Paulo, Brasil, palestrando sobre desmatamento e política na Amazônia voltada as terras indígenas;
- h) Conferência Internacional para proteger povos indígenas isolados, realizada pela CIPIACI, no Paraguai, dezembro de 2009, com o Tema: Indios Isolados no Brasil e o Impacto da construção das hidrelétricas do rio Madeira;

i) Conference Biooner realizada no Marin Center em San Rafael, California –USA no período de 14 a 16 de outubro de 2011;

j) Conferência na Universidade de Haifa em Israel em julho de 2010 com o Tema : Globalização na Amazônia: Exploração de Recursos Naturais e Sustentabilidade do Fator Humano;

k) 16º Conferência das Partes da Organização das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-16), em Cancún (México), onde lança o Carbono Surui em dezembro de 2010;

l) Conferência no Instituto Latino-americano em Genebra-Suíça com o tema: Plano de Aceleração do desenvolvimento ameaça as terras indígenas na Amazonia em fevereiro de 2011.

Publica importante artigo sobre os índios isolados no livro: "Pueblos

Indígenas em Aislamiento Voluntario Y Contacto Inicial Em La Amazonia Y El Gran Chaco", IWGA, Copenhague, Dinamarca, 2007, onde demonstra a situação dos índios isolados de Rondônia e faz uma série de propostas para a proteção destes povos.

No livro "Desmatamento evitado (REDD) e povos indígenas experiências, desafios e oportunidades no contexto amazônico, publica junto com dois outros pesquisadores o artigo "Projeto Surui: promovendo a capacitação dos povos indígenas para um acordo informado sobre o financiamento de REDD", onde traz a metodologia de REDD, para terras indígenas e todo o desenvolvimento das ações realizadas para que os indígenas tenham a garantia da participação dos benefícios.

O jovem líder do clã Gameb e da associação Metareilá, Almir Narayamoga, vem conquistando um imenso espaço na mídia nacional e internacional e se tornou uma estrela de grande brilho na luta pela proteção das florestas.

A trajetória do jovem Almir em busca da realização dos seus sonhos e ideais, consistiu de muita luta e dedicação, o que se pode ver nas inúmeras premiações importantes e reconhecimentos internacional, tais como:

1) Prêmio Internacional de Defensor de Direitos Humanos, concedido pela Societé Internationale des Droits de L, em Genebra Suíça dado em 2008;

2) Prêmio da Missing Foundation, pela proteção e restauração de habitats e espécies florestais;

3) Reconhecimento da cidade de San Francisco na Califórnia com o "dia do Chefe Almir" em que se comemora no 4 de outubro, o dia da luta pelo meio ambiente;

4) Reconhecimento, da gigante Google, como personalidade sul americana em 2008;

5) Prêmio da Google Earth Hero, por utilizar a tecnologia em favor da humanidade;

6) reconhecimento da revista Época como um dos 100 brasileiros mais influentes em 2009;

7) Prêmio de Meio Ambiente dado pela Intel em São Francisco – EUA;

8) Ganhador do Cacau de Ouro em 2010, como reconhecimento dos seus feitos em defesa do meio ambiente, dado pela colunista Marisa Linhares de Cacoal-RO;

9) Homenageado pela USAID – Agencia Americana de Desenvolvimento e Meio Ambiente pelos serviços prestados a preservação da floresta em 2010;

10) Incluído na Revista americana Fast Economy entre as 100 pessoas mais criativas do mundo em 2011.

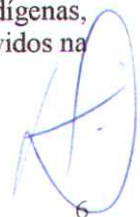
Tem suas idéias e propostas divulgadas no mundo inteiro em Revistas Internacionais como: Fast Company (Canadá), Smithsonian (Estados Unidos), Der Spiegel (Alemanha), Animan (Suíça), Tidningen Vi (Suécia), Joun (Holanda), Reader's Digest (Estados Unidos), Cultural Survival (França), CrediSIS & negócios (Brasil), Época (Brasil), Isto é (Brasil), Ecoturismo (Brasil), Horizonte Geográfico (Brasil), e em jornais como: Financial Times (Estados Unidos), Folha de São Paulo (Brasil), Le Cotê (Suíça), Space Daily (Dinamarca), Futura-Sciences (França), A Critica (Brasil), Estadão (Brasil), EP Europa Press (Espanha), Spiegelonline (Suíça) entre vários outros artigos publicados em jornais sobre sua luta em defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, que são tantos que não dar para citar, mas que ao final desta apresentação listamos alguns para conhecimento daqueles que queiram se aprofundar na temática indígena.

Em 2011 ministrou aulas no Mestrado em Sustentabilidade para Indígenas da Universidade Nacional de Brasília, para uma turma mista de indígenas e não indígenas.

O colegiado do Mestrado em Geografia, propõe o nome do indígena Almir Narayamoga Surui a Doutor Honoris Causa,

#### CONSIDERANDO QUE:

1. O indígena Almir Narayamoga Surui foi pioneiro no desenvolvimento da Metodologia de Diagnósticos etnoambiental Participativo em Terras Indígenas, onde buscou juntar o conhecimento tradicional com o científico, metodologia esta aplicada em 10 terras indígenas com sucesso;
2. Representa o povo indígena da Amazonia no CNPI – Conselho Nacional de Política Indigenista e no PNGATI – Programa Nacional de Gestão Ambiental de Terras Indígenas;
3. Tem atuado na defesa das florestas, do equilíbrio climático e dos direitos humanos;
4. Tem conduzido de forma exemplar o Projeto Carbono Surui, que contribuiu para promover no Brasil a temática de REDD – Redução de Emissões de Desmatamento e Degradação em terras indígenas e a discussão de regulação da lei tanto nacional quanto no estado de Rondônia;
5. Como coordenador da CUNPIR – Coordenação da União das Nações e Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas no ano de 1998, realizou uma gestão de grandes conquistas na instituição como a proteção da integridade de 5 Terras Indígenas, que durante o PLANAFLORO – Plano Agropecuario e Florestal de Rondônia foram ameaçadas de terem seu território diminuído pelo governo do Estado, mas graças a atuação de Almir manteve-se a integridade física destes territórios e se demarcou a Terra Indígena Massaco, área de ocupação de índios isolados;
6. No mesmo ano conseguiu convencer o Banco Mundial e o Governo de Rondônia da importância das associações indígenas executarem o PAIC – Programa de Apoio as Iniciativas Comunitárias, tendo como resultado a realização de 21 (vinte e um) convênios com povos indígenas do Estado, que desenvolveram projetos de alternativas econômicas, educação, saúde e cultura;
7. No ano de 2000 foi eleito coordenador da Metareilá, associação que representa atualmente sua linhagem clânica Gameb e continuou sua luta pela defesa da Terra Indígena Sete de Setembro. Com o objetivo de defender esta terra e seu povo, buscou parcerias locais e regionais e conseguiu realizar o Diagnóstico Etnoambiental e o Plano de Gestão da Terra indígena Sete de Setembro. Estas atividades vieram revitalizar e fortalecer a cultura Paiter, além de proporcionar um indicativo do valor das atividades culturais para a proteção da floresta e da identidade do povo Paiter;
8. Como os estudos realizados na Terra Indígena Sete de Setembro, indicavam um desmatamento de 7% de seu território, Almir junto com os Paiter decidiu reflorestar a terra com nativas das mesmas espécies retiradas da região, realizando desta forma a recomposição florestal das áreas de pasto e o enriquecimento da floresta nas áreas onde o desmatamento foi seletivo. Em 9 anos já foram plantadas mais de um milhão de árvores;
9. O candidato participa Grupo de Trabalho Amazonico – GTA, coordenando o regional Rondônia, rede socioambiental que atua na gestão de áreas protegidas e na luta dos direitos humanos;
10. Tem defendido na ONU – Organização das Nações Unidas os direitos dos índios isolados.
11. É um defensor de pesquisa científicas voltadas para a preservação da natureza e o fortalecimento cultural.
12. É um incentivador do desenvolvimento de estudos e pesquisas em territórios indígenas, apoiando pesquisadores de mestrado e doutorado a exemplo dos inúmeros estudos desenvolvidos na terra indígena Sete de Setembro.



13. Vem com o Plano de Gestão de 50 anos da Terra Indígena Sete de Setembro respondendo a uma das mais difíceis perguntas que é como fazer a gestão de terras indígenas.

14. Em 2010, assume o posto máximo de governança do povo Paiteer Surui, que é o cargo de Labiway eSaga (líder maior) dado apenas aqueles que tem o conhecimento da tradição dos Paiteer, e o poder de Governar de forma justa e solidaria.

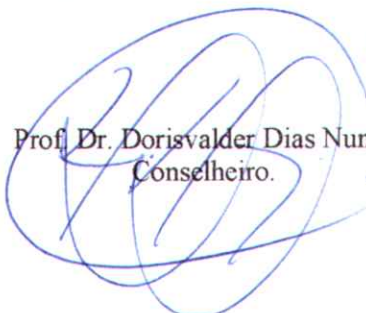
A outorga de um título acadêmico de relevância internacional ao indígena Almir Narayamoga Surui, além de ser um reconhecimento necessário, é uma grande oportunidade para difundir sua luta na preservação da floresta e da cultura indígena.

Poderíamos concluir aqui este documento de proposição do título de Doutor Honoris Causa ao indígena Almir Surui e este, por si só, já estaria suficientemente embasado, em função das inúmeras reportagens publicadas e por tudo que ele representa na preservação do meio ambiente, na valorização da cultura indígena e na defesa dos direitos humanos.

#### **DO PARECER:**

Após análise dos documentos apresentados, análise do histórico de vida do candidato ao título de Doutor Honoris Causa e pelos serviços prestados em defesa da causa indígena, da natureza e dos povos da floresta, sou de **PARECER FAVORÁVEL** à outorga do título proposto no âmbito da Universidade Federal de Rondônia, s.m.j.

Porto Velho, 18 de agosto de 2011.

  
Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes  
Conselheiro.

*Dr. Dorisvalder  
Ad. referenc  
D.N.*